

ASPECTOS DA PASTORAL RIZOMÁTICA EM LIVRO DE PRÉ-COISAS: ROTEIRO PARA UMA EXCURSÃO POÉTICA NO PANTANAL, DE MANOEL DE BARROS

ASPECTS OF RHIZOMATIC PASTORAL IN THE BOOK LIVRO DE PRÉ-COISAS: ROTEIRO PARA UMA EXCURSÃO POÉTICA NO PANTANAL BY MANOEL DE BARROS

Jorge Alves Santana ¹

RESUMO: Em nossos planejamentos de passeios bucólicos, por vezes não nos damos conta de como os roteiros escolhidos foram construídos. Apesar da determinação dos caminhos oficializados e perspectivados por nossos hábitos, tentamos mergulhar naquelas possibilidades de vivências genuínas, ativas e criativas, nas quais nossos olhares possam vagar por espaços que também se tornam realidades de nossas coautorias. Nesse quadro, acompanharemos as estratégias literárias e políticas articuladas pelo poeta Manoel de Barros, em sua obra *Livro de pré-coisas* (1985), que nos auxiliam a compreender a engenharia de montagem da pastoral pós-moderna, expressa no imaginário poético das possíveis incursões e excursões no pantanal do Mato Grosso do Sul. Tal engenharia será observada através de reflexões da Ecocrítica (GARRARD, 2006) e por aquelas pertinentes à ontologia do rizoma que subjaz à existência do constante devir dos fenômenos (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Dessa forma, refletiremos sobre o paradigma estético (GUATTARI, 2006), que funciona, ao lado de outros mecanismos político-culturais, como possibilidades de deslocamento para a construção de espacialidades inclusivas e de identidades transversais.

PALAVRAS-CHAVE: Manoel de Barros; Pastoral; Turismo; Rizoma.

ABSTRACT: When planning our bucolic wanderings, sometimes we do not notice how exactly the chosen itinerary was built. Despite the determination of the official and expected courses, we try, because of our habits, to immerse ourselves in those possibilities of genuine experience, active and creative, in which our looks can meander by spaces that become realities of our co-authorship as well. From this point of view, we will follow the literary and policies articulated by the poet Manoel de Barros in his book *Livro de pré-coisas* (1985), which guide us to comprehend the composition engineering of the postmodern pastoral, expressed on the poetic ideal of the possible incursions and excursions in the Mato Grosso do Sul pantanal. Such engineering will be noticed through the reflections of Greg Garrard's *Ecocriticism* (2006) and by those relevant to the rhizome ontology that underlies the existence of the constant becoming of phenomenon (GUATTARI, 2006), that works, side by side with other political-cultural mechanisms, as displacements possibilities towards the construction of inclusive spatialities and transversal identities.

KEYWORDS: Manoel de Barros; Pastoral; Tourism; Rhizome.

É evidente que a arte não detém o monopólio da criação; mas ela leva ao ponto extremo uma capacidade de invenção de coordenadas mutantes, de engendramento de qualidades de ser inéditas, jamais vistas, jamais pensadas.
Félix Guattari, 2006, p. 135.

Não sei se os jovens de hoje, adeptos da natureza, conseguirão restaurar dentro deles essa inocência. Não sei se conseguirão matar dentro deles a centopeia do consumismo.
Manoel de Barros, 2010, p. 213.

Os homens deste lugar são uma continuação das águas.
Manoel de Barros, 2010, p. 199.

¹Doutor em Letras – UNESP. Professor Associado II da Faculdade de Letras. E-mail: jorgeufg@bol.com.br

Introdução

Manoel de Barros, o poeta do pantanal, entre a exploração de tantos outros temas líricos, abre sua obra *Livro de pré-coisas*, apresentando-nos uma espécie de cicerone que nos guiará por um percurso cuja geografia diferencia-se dos roteiros clássicos de percursos e turismo. Mais que constatações socioculturais oficializadas sobre a região, acompanharemos uma textualização poética que anuncia realidades não vistas por aquela atenção habituada aos caminhos pré-traçados.

A poesia permanecerá, assim como permanece o leitor, nos territórios de experiências inaugurais, nas quais o olhar humano será colocado em igualdade de importância com os universos existenciais dos demais animais, da flora e dos elementos minerais que formam os vastos campos do Pantanal do Mato Grosso do Sul. Vejamos como tal anúncio ocorre:

ANÚNCIO

Este não é um livro *sobre* o Pantanal. Seria antes uma anúncio. Enunciados como que constativos. Manchas. Nódos de imagens. Festejos de linguagem. Aqui o organismo do poeta adoece a Natureza. De repente um homem derruba folhas. Sapo nu tem voz de arauto. Algumas ruínas enfrutam. Passam louros crepúsculos por dentro dos caramujos. E há pregos primaveris... (Atribuir-se natureza vegetal aos pregos para que eles brotem nas primaveras... Isso é fazer natureza. Transfazer.)

Essas pré-coisas de poesia.
(BARROS, 2010, p. 197)

A excursão e a incursão que se fará à região do pantanal é pautada, por um experimento diferente daqueles propostos pelas rotas do turismo oficial. Ao contrário da conduta usual, o sujeito do deslocamento espacial será envolto pela realidade que vislumbra e sua compleição também será formada pelas características dos espaços nos quais se insere. A natureza do rizoma (DELEUZE; GUATARRI, 1995) perpassará a constituição desse quadro pastoril que a textualização literária pós-moderna é capaz de construir. Quadro esse que altera nossa noção de sujeito individualizado, em sua essência antropocêntrica, e separado da natureza.

Na proposta de pastoral de Manoel de Barros, observaremos como ocorrem as representações de identidades transversais, homem imerso e feito pela natureza e pela civilização, no contexto de deslocamentos espaciais e subjetivos. Em tais situações pastoris, observaremos que a propulsão vivencial será feita pela presença de ação recíproca entre sujeito e espaço, talvez em uma dinâmica constante de transformação dos não lugares em lugares, como exploraremos nesse texto, usando, entre outras, as reflexões de Marc Augé (2003).

A construção da identidade oficial dos vastos campos naturais e culturais

A obra *O livro de pré-coisas* é publicada em 1985. Essa época é sintomática para nossa leitura, pois envolve os anos iniciais da fundação do estado do Mato-Grosso do Sul. Consequentemente, a população local está imbuída da necessidade política de construção de sua identidade cultural, entre outras identidades. Dessa forma, há a necessidade de marcar território frente aos demais estados brasileiros.

Nesse quadro de construções e inaugurações identitárias, acompanhamos o surgimento do Movimento Guaicuru² que pesquisa e monta parte da engenharia que nos dará a imagem do estado como o vemos hoje. O movimento supõe que seja necessária uma volta ao passado colonial, no qual povos indígenas enfrentavam as forças armadas da metrópole para manter sua autonomia. E se de tais enfrentamentos seculares, não se atingiu vitórias expressivas na política, ao menos se manteve o lastro da valorização e da bravura da sociedade local que funcionaria como alicerce para o novo estado. Assim, nomes de palácios governamentais, de escolas, de ruas e de associações passam a levar o nome de um povo indígena que acaba por ser mitificado pelas narrativas de fundação.

Ao lado do heterogêneo e variado elemento humano formador dessa civilização, também ocorre a preocupação de se construir a realidade geopolítica que se pretende mostrar. O que haveria de capital sociocultural para se mostrar à outridade brasileira aparentemente territorializada há séculos? De imediato, a resposta que se dá diz respeito ao singular bioma que é o pantanal, que é a formação complexa de ecossistemas de variadas espécies animais, de trama hídrica peculiar, de flora heterogênea e do elemento humano, que parece ser ainda instaurado pelo entre-lugar natureza e civilização.

No início da construção identitária, há o hábito de acreditar, ou de se fazer acreditar, que a construção do fenômeno seja singular, essencial e, portanto, inflexível no que diz respeito ao conjunto de características que a movem. As pessoas envolvidas em tal processo são submetidas, via educação sistemática ou assistemática, às condições pré-estabelecidas que montam a trama social na qual estão inseridas. Valores, crenças, comportamento, hábitos serão, pois, homogeneizados para se atingir o objetivo de que a sensação de pertencimento a determinadas realidades de fato ocorre. No entanto, o imaginário, que determinado território marca para si mesmo e para os outros, não possui essa inflexibilidade que o cotidiano padronizado supõe. As suas características movem-se constantemente e de acordo com os múltiplos e heterogêneos elementos que o compõem. Sobre formação identitária e o sentimento de pertença, um dos seus termos mais aparentes, Zigmunt Bauman reflete:

Tornamo-nos conscientes de que o "pertencimento" e a "identidade" não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age - e a determinação de se manter firme a tudo isso - são fatores cruciais tanto para o "pertencimento" quanto para a "identidade". Em outras palavras, a ideia de "ter uma identidade" não vai ocorrer às pessoas enquanto o "pertencimento" continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada. (BAUMAN, 2005, pp. 17-18)

A determinação de se manter firme a uma narrativa de fundação, quando se observa que o alvo é a própria população, tem seus limites pragmáticos. Para a confirmação e o reconhecimento nacional, há de se preocupar em estabelecer imagens de abrangência extensivas. Talvez a figura dos resistentes índios Guaicuru, e afins, não seja suficiente para chamar a atenção do país, pois suas ações ainda estão circunscritas ao apelo regional. Assim, algo maior surge para funcionar como polo de pertencimento: a construção do pantanal turístico. Aquele que se oferece à aldeia global como o espaço de recursos geográficos, naturais e humanos, cuja singularidade, beleza e grandiosidade não se coloca em questão.

² As pesquisas antropológicas para a construção dos padrões regionais que dão corpo à narrativa fundacional do Mato Grosso do Sul, tendo como base a história do povo indígena Guaicuru, podem ser acompanhadas em NETTO: 2009 e FERREIRA: 2009.

Por ser uma região ainda de baixa povoação, prioriza-se na imagem do pantanal turístico, aqueles elementos que o configuram como espaço vivencial da pastoral, entre outras possibilidades. Tal espaço reveste-se de intensos atrativos para o homem citadino, que se considera irremediavelmente desterrado de uma suposta natureza primitiva idealizada. Sua vida nos centros urbanos está movida pelas duras regras do trabalho segmentado e do consumo voraz, que não lhe satisfazem os desejos. Da urbanidade distópica, a imagem do pantanal turístico poderia assumir o espaço da utopia que, ao menos temporariamente nos percursos e recursos turísticos, ocasionaria o regresso ao paraíso perdido.

Esse mote da viagem turística abre o livro de Manoel de Barros. O eu lírico, de início, coloca-se no plural, como a demonstrar que segue em comitiva para o resgate do paraíso perdido, que é o pantanal do Mato Grosso do Sul. Seu ponto de partida é a cidade de Corumbá. Vejamos esse início de passeio que dará a tônica dessa textualização poética:

Corumbá estava amanhecendo.
Nenhum galo se arriscara ainda.
Ia o silêncio pelas ruas carregando um bêbedo.
Os ventos se escoravam nas andorinhas.
Aqui é o Portão de Entrada para o Pantanal.
Estamos por cima de uma pedra branca enorme que
o rio Paraguai, lá embaixo, borda e lambe.
(BARROS, 2010, p. 197)

O ponto de partida é um centro urbano especial, pois se trata de uma porta de entrada para a região do pantanal. No entanto, quase que de imediato, a referencialidade da civilização vai esmorecendo sua função de nominar os fenômenos via linguagem racional, pois se imagina o silêncio, que na madrugada, carrega um bêbedo pela rua, além de o rio Paraguai bordar e lambe a cidade, tal como entidade viva que emoldura a vida da cidade e dos homens que a habitam. O fator civilizacional ainda se encontra presente nesse começo de passeio, porém, os elementos da pastoral se anunciam e, tomarão conta das situações e ações, como observamos no fragmento:

Os homens deste lugar são mais relativos a águas do
que a terras.
Há sapos vegetais que dão cria nas pedras.
As pessoas são cheias de prenúncios: chegam de ver
pregos nadar e bugio pedir a benção

Quando meus olhos estão sujos da civilização, cresce
por dentro deles um desejo de árvores e aves.
Tenho gozo de misturar nas minhas fantasias o
verdor primal das águas com as vozes civilizadas.
(BARROS, 2010, pp. 198-199)

Os elementos minerais, o da flora e o da fauna surgem como configuradores tanto do espaço a ser desvendado quanto das subjetivações que serão construídas nesse quadro pastoral peculiar que enche os olhos do eu lírico de “desejos de árvores e aves”, pois ele tem o “gozo de misturar [nas suas] fantasias o verdor primal das águas com as vozes civilizadas”. Inicia-se, aí um quadro pastoral no qual, aparentemente, há acordo entre o homem citadino e o homem mergulhado na natureza. Tal quadro insere-se na tradição ocidental da pastoral: uma espécie de poesia cujo tema é a vida no campo, em oposição as

lides humanas na cidade. Sobre esse tipo de poesia, vejamos o que o ecocrítico³ inglês Greg Garrard nos fala:

Desde as reações poéticas do movimento do romantismo à Revolução Industrial, a pastoral tem moldado de forma decisiva nossas construções da natureza. Talvez até a ciência da ecologia tenha sido moldada pela pastoral, nas primeiras etapas de seu desenvolvimento. [...] Nenhum outro tropo está tão profundamente arraigado na cultura ocidental, nem é tão profundamente problemático para o ambientalismo. Com suas raízes no período clássico, a pastoral mostrou-se infinitamente maleável para fins políticos diferentes; e, potencialmente nociva em suas tensões e evasões. (GARRARD, 2006, p. 54)

Garrard segue sua reflexão sobre a pastoral nos informando que sua tradição abrange três fases, que seriam as da literatura que fala de: saída da cidade para refúgio no campo, a descrição do campo em contraste explícito ou implícito com a cidade, e a idealização da vida natural como destituída de conflitos tanto naturais quanto humanos. Ainda como gênero literário, a pastoral se encontra ao lado do idílio e da poesia bucólica que também funcionariam como válvula de escape, para autor e leitor, dos excessos da vida cotidiana dos centros urbanos.

Em relação ao tempo das relações entre homem e natureza, a pastoral também pode ser orientada para o passado, com seu tom elegíaco em relação a um passado desaparecido, do qual se tem saudade. Orienta-se, ainda, para o presente, no qual se festeja a relação positiva entre homem e natureza. E, por fim, para o futuro, desejando a concretização da utopia de tal equilíbrio.

Acompanhamos, pois, como a obra de Manoel de Barros se configura literariamente como uma pastoral. Porém, isso não é suficiente para compreendermos, com mais filigranas, as estratégias de composição desse texto. O pantanal criado pela escrita poética do autor nos aponta uma espacialidade mais complexa do que a tradição nos habituou a ler e vivenciar a realidade de ficarmos frente a frente com a natureza que, em nosso caso de análise, é a pantaneira. Realidade esta predominantemente disposta ao turismo, que asseguraria sua existência e potencialidade relacional com a outridade que lhe daria reconhecimento.

Por uma pastoral que desloca as fronteiras territoriais e subjetivas

O pensador Félix Guattari (2006), em sua obra *Caosmose*, trata a formação da identidade, de qualquer fenômeno que seja, de modo inovador. Para ele, o fenômeno é ocasionado pelo cruzamento de ações de instâncias individuais, coletivas e institucionais, além do fato de que não haveria relações causalistas que controlassem por completo a produção dos seres e situações. Características como as de conexão, multiplicidade, heterogeneidade, cartografias e assignificância, estão envolvidas na ontologia de seres, fenômenos e situações. Estas características conformam a natureza rizomática⁴ que seria a força constante que aglutina, separa e reaglutina constantemente as realidades.

³ Para Greg Garrard, a Ecocrítica, além de uma prática de leitura e crítica literária, é “uma modalidade de análise confessadamente política. [...] Os ecocríticos costumam vincular explicitamente suas análises culturais a um projeto moral e político “verde”. Nesse aspecto, ela se relaciona de perto com desdobramentos de orientação ambientalista na filosofia e na teoria política. Desenvolvendo as percepções de movimento críticos anteriores, os ecofeministas, os ecologistas sociais e os defensores da justiça ambiental buscam uma síntese das preocupações ambientais e sociais”. (2006: p. 14)

⁴ O conceito de rizoma, alegoria que usa uma figuração botânica, é desenvolvido por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) para fundamentar a reflexão sobre identidade transversal; aquela produzida provisoriamente por formações discursivas, afetos e percepções de variadas naturezas. Supõe uma alternativa à noção de identidade racional, fixa e essencializada pelo campo investigativo da filosofia positivista ou transcendental.

Do caráter rizomático também é feita a textualização poética de Manoel de Barros. Sua pastoral, além de expressar o saudosismo de um espaço, de uma época e de um tipo de homem pantaneiro, se preocupará em demonstrar como essa realidade ainda é capaz de oferecer condições de compreensão, de reeducação e de satisfação na relação homem e natureza. No entanto, sua ideologia não vai ao encontro da construção oficial que se faz do pantanal, com o fim, talvez, de oferecê-lo apenas como troféu de excursões turísticas, nas quais se pensa recuperar certo paraíso perdido.

Aprioristicamente, pensamos estar realmente frente a um roteiro turístico primorosamente elaborado. A organicidade do livro parece nos dar, em linhas pragmáticas, os tópicos do passeio que chamaria a atenção e o gosto de qualquer turista profissional ou amador que tivesse alguma índole ecológica. Vemos isso através dos subtítulos que são: *Ponto de partida, Anúncio, Narrador apresenta sua terra natal, Em que o narrador viaja de lancha, Ao encontro de seu personagem, Cenários, O personagem, Pequena História Natural.*

No entanto, o bioma do pantanal será oferecido de modo rizomático, com ênfase em certa assignificância da linguagem que desestabiliza a sinalização referencial do percurso. Não teremos a apresentação do tradicional agronegócio da região. Não veremos a predominância dos índios que se rebelaram ao autoritarismo da metrópole. Não nos encontraremos com fazendas ecológicas que tratam e mostram animais e flora da região. Não nos sentaremos ao redor do fogo para churrascos pantagruélicos ao som de modinhas locais. Não navegaremos pela vistosa rede hídrica, usando óculos de sol, filtro solar e fotografando todas as imagens que nos surgem à frente. A viagem é de turismo diferente daquele em que não nos integramos aos lugares e às pessoas com as quais nos encontramos. A proposta do passeio do eu lírico, além de sentir a natureza que naturalmente existe em si mesmo, é o de encontrar uma figura intrigante do lugar. Tal figura é Bernardo, uma das identidades transversais mais exemplares do pantanal rizomático que Manoel de Barros deseja encontrar, reconhecer e divulgar, tanto em sua vida empírica quanto na sua produção literária.

Bernardo, apesar de sua existência empírica na vida do escritor, parece funcionar como aquela possibilidade de subjetivação na qual o sujeito não se aparta da natureza pastoril, disposta em sua postura estética. Ao contrário, sua identidade transversal surge exatamente desse encontro entre instâncias heterogêneas que se unem para a produção de estados singulares de existência. Sem afastamento do mundo natural, Bernardo sente-se hibridizado pelo mundo dos humanos e pelo mundo integral e múltiplo do bioma do pantanal. Observemos um pouco de sua apresentação lírica:

Quando de primeiro o homem era só, Bernardo era.
Veio de longe com a sua pré-história. Resíduos de um
Cuiabá-garimpo, com vielas rampadas e crianças papudas,
assistiram seu nascimento.
Agora faz rastros neste terreiro. Repositório de chuva
e bosta de ave em seu chapéu. Sementes de capim,
algumas, abrem-se de suas unhas, onde o bicho-de-porco
entrou cresceu e já voou de asa e ferramentas.
De dentro de seus cabelos, onde guarda seu fumo,
seus cacos de vidro, seus espelinhos — nascem pregos
primaveris!
Não sabe se as vestes apodrecem no corpo senão
quando elas apodrecem.
É muito apoderado pelo chão esse Bernardo. Seu

Nessa perspectiva, a identidade seria o resultado provisório de infinitas possibilidades de subjetivações ou de existências, que sofrem influências cronotópicas, e, ao mesmo tempo, influenciam tais condições.

instinto seu faro animal vão na frente. No centro do escuro se espriam.
Foi resolvida em língua de folha e de escama, sua voz quase inaudível. E que tem uma caverna de pássaros dentro de sua garganta escura e abortada.
Com bichos de escama conversa. Ouve de longe a botação de um ovo de jacarua. Sonda com olho gordo de hulha quando o sáurio amolece a ovejira. Escuta o ente germinar ali ainda implume dentro do ventre. Os embriões do ovo ele vislumbra prazenteiro. Ri como fumaça. Seu maior infinito!
(BARROS, 2010, p. 211)

O eu lírico que nos guia nessa viagem, sente-se, de início, obrigado a nos oferecer um histórico da personagem insólita. Diz que talvez o sujeito que encontra fosse alguns dos primeiros garimpeiros da região. No entanto, esses dados são minimizados pela atual conformação de Bernardo. Tal figura está imersa na natureza pantaneira. Não há como diferenciá-lo dos demais seres e espaços que formam o ambiente, pois se aliou, em delicada junção, aos animais, plantas, águas, terras e ares da região.

A preocupação maior desse personagem é acompanhar os ciclos das vidas que ocorrem a sua volta. Sem que, no entanto, tais vidas sejam aquelas de animais e plantas romanticamente tidos como grandiosos e, por vezes, representativos da bravura e independência que o protótipo de identidades oficiais pretende atingir. Bernardo coaduna-se com os seres pequenos, desimportantes para a clássica Biologia. Imerge nas situações em que a ação não visa produtividade de bens econômicos e culturais canônicos. Seu capital é aquele de uma ecologia profunda, na qual não há hierarquia entre os seres existentes, pois todos têm o mesmo privilégio, com direitos e deveres, de estar vivos. Mais que pastorear e cuidar de seres menores, vemos que o personagem Bernardo vive em nível de igualdade com o mundo a sua volta. Ele não é o pastor privilegiado que recebeu um quinhão natural para equilibrar e conservar a ordem, pois vive em nível de igualdade existencial com qualquer espécie de vida biológica e abiótica.

Nesse ponto, vemos como a pastoral de Manoel de Barros se afasta daqueles modelos de pastoral com os quais somos educados a montar nossas rotas turísticas frente ao exótico, ao desconhecido ou ao contexto natural e sociocultural a ser resgatado. A figura de Bernardo propõe que reconheçamos que não saímos do espaço natural e que esse espaço continua vivo dentro de nós, apesar de todos os aparatos tecnológicos que construímos e pensamos que são os únicos que baseiam nossas vidas.

A emergência de Bernardo na vida do eu lírico, e nas nossas vidas de leitores, demonstra ainda o exemplo de como a existência e prática da figura de subjetividades nômades afetam nossos valores e crenças. O andarilho, no caso, nos trará a possibilidade da ação que não objetiva apenas os ganhos de capital financeiro, cultural conservador e afins. Ganhos esses que teriam apenas valor em si mesmos. Essa figura instigante desloca sentidos arraigados em nosso imaginário, que seriam aqueles pertinentes aos ganhos pragmáticos de nossas excursões por regiões tidas como meramente turísticas.⁵

Nesse caso, mesmo em condições de suposta fase de descanso, de aventuras e de diversão, podemos perceber que algumas viagens não almejam nada mais do que a própria ação da viagem. Aparentemente, tal situação se aproximaria dos movimentos de *flânerie* que artistas europeus intentavam em plena fase de excessos industriais urbanos, desde o

⁵ Sobre as estratégias político-econômicas que a indústria cultural usa para alienar as pessoas, quando em condição de turistas e afins, acompanhamos os estudos de URRY: 1996; WAINBERG: 2003; e WILSON (Akim Bay): 2014. Os três autores são partidários da resignificação das práticas de turismo, para que elas possibilitem a criação de sujeitos que verdadeiramente dialoguem com as outridades propostas por seus roteiros de viagem, sendo sujeitos ativos, críticos e interativos nessas situações.

século XIX. O movimento da andança pelas cidades industrializadas e técnicas também pode ser feito sem que se faça parte dos mecanismos que nos anulam como sujeitos ativos e nos submetem a engrenagens que, por vezes, nem conhecemos de modo consciente.

A personagem Bernardo não se submeteu às engrenagens de produção de capital, seja capital de que origem for. Suas andanças lembram aquelas andanças dos andarilhos orientais envolvidos em atitudes místicas de integração ao cosmos, sem hierarquização de existências, de produtos e de valores.

Inquietamo-nos quando vemos que tal figura não trabalha. Não é nenhum criador ou cuidador de animais. Não é extrativista de produto algum. Não é guia turístico oficial. Suas lides dizem respeito ao seu relacionamento com as vidas pequenas e simples que surgem a sua frente. Não há, pois, nenhum planejamento em lucrar economicamente ou socialmente, do ponto de vista antropocêntrico, com o bioma que é o pantanal. O andarilho vaga pela espacialidade como que sem destino evidente. Vaga pela espacialidade e está integrado a ela, sem pudor em desnudar-se da sanha humana em explorar a natureza. Observemos o belo fragmento que configura Bernardo quanto ao aspecto de produtividade:

Prospera pouco no Pantanal o andarilho. Seis meses,
durante a seca, anda. Remói caminhos e descaminhos.
Abastece de perna as distâncias. E, quando as estradas
somem, cobertas por águas, arrancha.
O andarilho e um antipiqueteiro por vocação. Ninguém
o embuçala. Não tem nome nem relógio. Vagabundear
é virtude atuante para ele. Nem é um idiota
programado, como nós. O próprio esmo é que o erra.
Chega em geral com escuro. Não salva os moradores
do lugar. Menos por deseducado. Senão que por
alheamento e fastio.
Abeira-se do galpão, mais dois cachorros, magros,
pede comida, e se recolhe em sua vasilha de dormir,
armada no tempo.
Cedo, pela magrez dos cachorros que estão medindo
o pátio, toda a fazenda sabe que Bernardão chegou.
“Venho do oco do mundo. Vou para o oco do mundo.”
E a única coisa que ele adianta. O que não adianta.
(BARROS, 2010, p. 214)

Diferentemente do caminhante que possui algum objetivo em sua caminhada, acompanhamos o interlocutor silencioso do eu lírico em suas ações de “vagabundagem”. Seu ponto inicial é o “oco do mundo” e seu alvo é também esse “oco do mundo”. Nada mais contraprodutivo, portanto, do nosso ponto de vista urbano e até mesmo daquela pastoral que cultiva a natureza para alimentar a si mesma e as cidades com as quais se relaciona. No entanto, é uma possibilidade vivencial alternativa que parece funcionar como solução para os excessos de produção e de consumo aos quais estamos ficando imunes, em nossos tempos.

Inclusive, na mistura do elemento humano com o animal, entre outras possibilidades de constituição heterogênea, vemos Bernardo existir de modo rizomático com o animal que é o cágado, por exemplo. Animal que, diferente das grandes e raras tartarugas, ele não é vistoso para exposições públicas, mas representa a modalidade temporal e accional daquele tempo vagaroso, como que destituído das pressas e correrias, nas quais estamos imersos em nossos cotidianos urbanos, que nos exigem produtividade constante em tempos exíguos e castradores de nossa criatividade. Observamos como se configura esse homem naturalmente antropomorfizado e sua instância temporal antiprodutiva, do ponto de vista civilizacional, e a espacial, no ponto de vista que a permanência e saída dos espaços exigem uma atenção profunda nas ações de deslocamento e de permanência:

Vê-se que não comeu sebo de égua o cágado. À procura de água, desce o cerrado, no pino do sol, tardoso e raro. É o próprio esquisitão que aprendeu paciência sem cartilha. O ínvio nato. O antióbvio. Está ali esse pobre-diabo. Desmancha cem anos, dizem, no seu desviver. Pois o suco do amor até hoje ninguém viu escorrer de seus lábios. Não tem lábios nem artes. Penso no seco do verde quando o encontro. Dá-me a impressão de alguém obscuro que vem de lugar nenhum e vai para nada todos os dias. E penso na voz de chão podre que tem nos seus abismos. Seu jeito de andar é de quem está chegando de um bueiro. Há sempre sinais de incêndios e de limos na sua casca loteada. É um crespo ardor de chuvas extintas. Está aí esse indivíduo cágado. Sem poder criar raízes sobre nada. Seu corpo não conhece o espojar-se na terra e nem o frescor das águas. Toma banho de casca e tudo.
(BARROS, 2010, pp. 215-216)

O espaço proposto por Manuel de Barros, nesse texto poético ecocrítico, também nos coloca em perspectiva as modalidades accionais com as quais nos relacionamos com as espacialidades que nos são dispostas. Como os turistas que são lançados em territórios desconhecidos e deles são obrigados a tirar proveito rápido a qualquer custo, de acordo com princípios e regras da indústria cultural, ficamos a observar como podemos nos colocar no papel de sujeitos atenciosos, ativos e dialógicos com tais espaços.

Sobre esse tema, a relação espaço-sujeito, acompanhamos as reflexões propostas por Marc Augé, referência contemporânea sobre o assunto. Para o autor, teríamos uma divisão na relação sujeito-espaço que se configura da seguinte forma:

Si un lugar puede definirse como lugar de identidad, relacional e histórico, un espacio que no puede definirse ni como espacio de identidad ni como relacional ni como histórico, definirá un no lugar. La hipótesis aquí defendida es que la sobremodernidad es productora de no lugares, es decir, de espacios que no son en sí lugares antropológicos y que, contrariamente a la modernidade baudeleriana, no integran los lugares antiguos: estos, catalogados, clasificados y promovidos a la categoría de "lugares" de memoria", ocupan allí un lugar circunscripto y específico. (AUGÉ, 2000, p. 83)

Para Augé, marcadores como aqueles da identidade, do aspecto relacional e da historicidade configuram o lugar que reflete os tempos e os territórios antropológicos por excelência. Em contrapartida, o conceito de não lugar seria um derivativo do que o autor considera como sobremodernidade – desdobramentos da modernidade em que tempo e espaços são comprimidos pelas características dos excessos: de produção, de consumo, de mobilidade, de informações, entre outros – e que não possibilitam ao sujeito condições para que ele dinamize sua atividade de modo ativo e com consciência crítica e cooperativa com os demais membros de sua rede existencial.

Os conceitos de lugar e de não lugar, bem como da transformação de um deles no outro, são úteis para percebermos como se dá a dinâmica de interação ou de não interação entre o viajante e o turista com os espaços nos quais se inserem temporariamente. A rigor, através dos mecanismos coercitivos da indústria do turismo e outros setores afins, sabemos que, na maior parte dos casos, os sujeitos não estabelecem relações intensas e verdadeiras com os lugares que elegem para visitaçào. Assim, tais lugares não são usados para a

construção de suas histórias pessoais, pois a superficialidade do contato impediria tal construção, e seriam conceituados como não lugares, na perspectiva de Marc Augé.

Não resta dúvida de que a indústria cultural é pródiga na criação de não lugares. Cria-se, pois, espaços de passagem e de vivências temporárias nos quais os passantes não enraízam suas subjetivações para construção de identidades transversais. Dessa situação, inclusive podem sair com sua visão de mundo até mesmo empobrecida, devido à impossibilidade do dialogismo que expandiria seus horizontes via excursão e incursão nos novos espaços.

Na obra *O livro de pré-coisas*, acompanhamos a transformação de um potencial não lugar em lugar antropológico. Antropológico, porém não antropocêntrico, pois as humanidades presentes são deslocadas para condições rizomáticas com os demais seres. O corpo humano é construído no encontro com os demais corpos humanos, animais, vegetais e minerais. Não há fronteiras existenciais que criam hierarquias, como aquela famosa hierarquia advinda do texto bíblico, em seu livro do Gênesis, no qual se estabelece o ser humano como o ser proprietário, guardião e provedor de todas as demais instâncias naturais.

Na pastoral pós-moderna criada por Manuel de Barros, a territorialidade da autoria, da posse e da estória monolítica é descolada para uma ambiência em que natureza não vive separada dos aparatos tecnológicos da civilização. Não há dicotomia entre as duas instâncias e sim imbricação constituinte e funcional. Nessa imbricação, aquilo que seria o não lugar típico do viajante e do turista é transformado no lugar por excelência onde se constroem estórias de vivências subjetivas e “coisais”. As estórias são significativas e intensas e geram frutos diferentes daquele típico capital econômico ou de cultura padronizada, no seio dos quais as identidades transversais correm grande risco de alienação de si mesmas.

O eu lírico, na obra em estudo, vai ao encontro de Bernardo, que o envolve e o influencia a diluir a pragmática cartografia do pantanal, tanto a cartografia geográfica quanto a subjetiva. Prova disso é o caráter diluído do final do livro, pois as partes finais, principalmente a *Pequena história natural*, cede espaço para aquela fauna pantaneira, no lugar de ser a parte em que a consciência antropocêntrica deveria fazer o conservador balanço das perdas e ganhos que tal empreitada pode ocasionar.

Em uma espécie de perspectiva da ecologia profunda, o eu lírico fala a sua época, aos jovens de sua época sobre outros tipos de caminhada, de turismo, de percepção da outridade, que se pode ter. Daí, vemos como a generosidade literária do autor abrange também a reeducação de nossa sensibilidade contemporânea, predominantemente voltada para ganhos de capital econômico. Vejamos um fragmento que exemplifica essa postura:

Os hippies o imitam por todo o mundo. Não faz
entretanto brasão de seu pioneirismo. Isso de entortar
pente no cabelo intratável ele pratica de velho. A ade-
são pura à natureza e à inocência nasceram com ele.
Sabe plantas e peixes mais que os santos.
Não sei se os jovens de hoje, adeptos da natureza,
conseguirão restaurar dentro deles essa inocência.
Não sei se conseguirão matar dentro deles a centopeia
do consumismo.
Porque já desde nada, o grande luxo de Bernardo é
ser ninguém. Por fora é um galalau. Por dentro não
arredou de criança. É ser que não conhece ter. Tanto
que inveja não se acopla nele.
(BARROS, 2010, p. 215)

Se a “adesão pura à natureza e a inocência nasceram com ele”, no caso de Bernardo, existem as pistas para uma reeducação de nossas percepções e sensibilidades para

atingirmos o grande luxo que seria o de nada desejar, o de sermos “que não conhece ter.” Os passeios, as viagens, as caminhadas, os percursos, transformam-se, então, em atividades que possuem valor em si mesmos, pois são vivenciados na maior intensidade que é possível nessas ações e situações.

Notas finais

A produção poética de Manoel de Barros, em especial a obra *O livro de pré-coisas* aqui analisado, é feita com densa carga lírica, no que sua linguagem possui de assignificância rizomática em relação à comunicação referencial de cunho pragmático. Sua verve poética aponta novas posturas a valores socioculturais hegemônicos.

Nesse quadro, acompanhamos sua composição de uma textualização poética que desloca os clássicos e modernos modelos de pastoral. Dos artificiais enfrentamentos entre natureza e civilização, vai-se para a perspectiva de que essas duas instâncias estão naturalmente ligadas. Assim, o elemento humano pode ser apreendido em sua estruturalidade e funcionalidade ecológicas no grau mais profundo.

A pastoral de Manoel de Barros mostra-se mais heterogênea e múltipla nas tentativas de construção de uma narrativa fundacional do que seria, e do que poderá ser, a região do pantanal do Mato Grosso do Sul. Mais que territórios oficiais de passeios e turismo, tais espaços são desterritorializados para dimensões provisórias e rizomáticas, nos quais as subjetivações parciais funcionam como gêneses de identidades transversais.

Desta forma, as textualizações artísticas cumprem um de seus mais importantes papéis que é, além daquele de fruição estética, o de nos mostrar as engenharias sociais que nos perfazem como sujeitos nos movendo entre lugares e não lugares, em constantes mudanças, como nos ensina Félix Guattari:

É evidente que a arte não detém o monopólio da criação, mas ela leva ao ponto extremo uma capacidade de invenção de coordenadas mutantes, de engendramento de qualidades de ser inéditas, jamais vistas, jamais pensadas. O limiar decisivo de constituição desse novo paradigma estético reside na aptidão desses processos de criação para se auto-afirmar como fonte existencial, como máquina autopoietica.

(GUATTARI, 2006, p. 135)

Referências

AUGÉ, Marc. *Los “no lugares”*: Uma antropología de la sobremodernidad. Traducción de Margarita Mizraji. Barcelona: Editorial Gedisa, 2000.

BARROS, Manoel de. *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2010.

BAUMAN, Zigmunt. *Identidade*: Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2005.

FERREIRA, Andrey Cordeiro. “Conquista colonial, resistência indígena e formação do Estado-Nacional: Os índios Gaicuru e Guana no Mato Grosso dos Séculos XVIII-XIX.” *Revista de Antropologia*, Universidade Federal de São Paulo, v. 52, no 1, 2009.

GUATTARI, Félix. *Caosmose*: Um novo paradigma estético. Trad. de Ana Lúcia Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006.

GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Tradução de Vera Ribeiro. Brasília: Editora da UNB, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

NETTO, Paulo Renato Coelho. *MS é nosso Estado de direito. O Guaicuru é nosso estado de espírito*. Campo Grande. 2009. <<http://www.pantanalecoturismo.tur.br/PUBLICAÇÃO-1109.htm>> Acesso em: 20 de outubro de 2014.

URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

WAINBERG, Jacques. *Turismo e comunicação: A indústria da diferença*. São Paulo: Contexto, 2003.

WILSON, Peter Lamborn (como Akim Bay). *Superando o turismo*. Texto integral em: <imagomundi.com.br/cultura/superando_o_turismo.pdf>. Acesso em: 15 de outubro de 2014.

